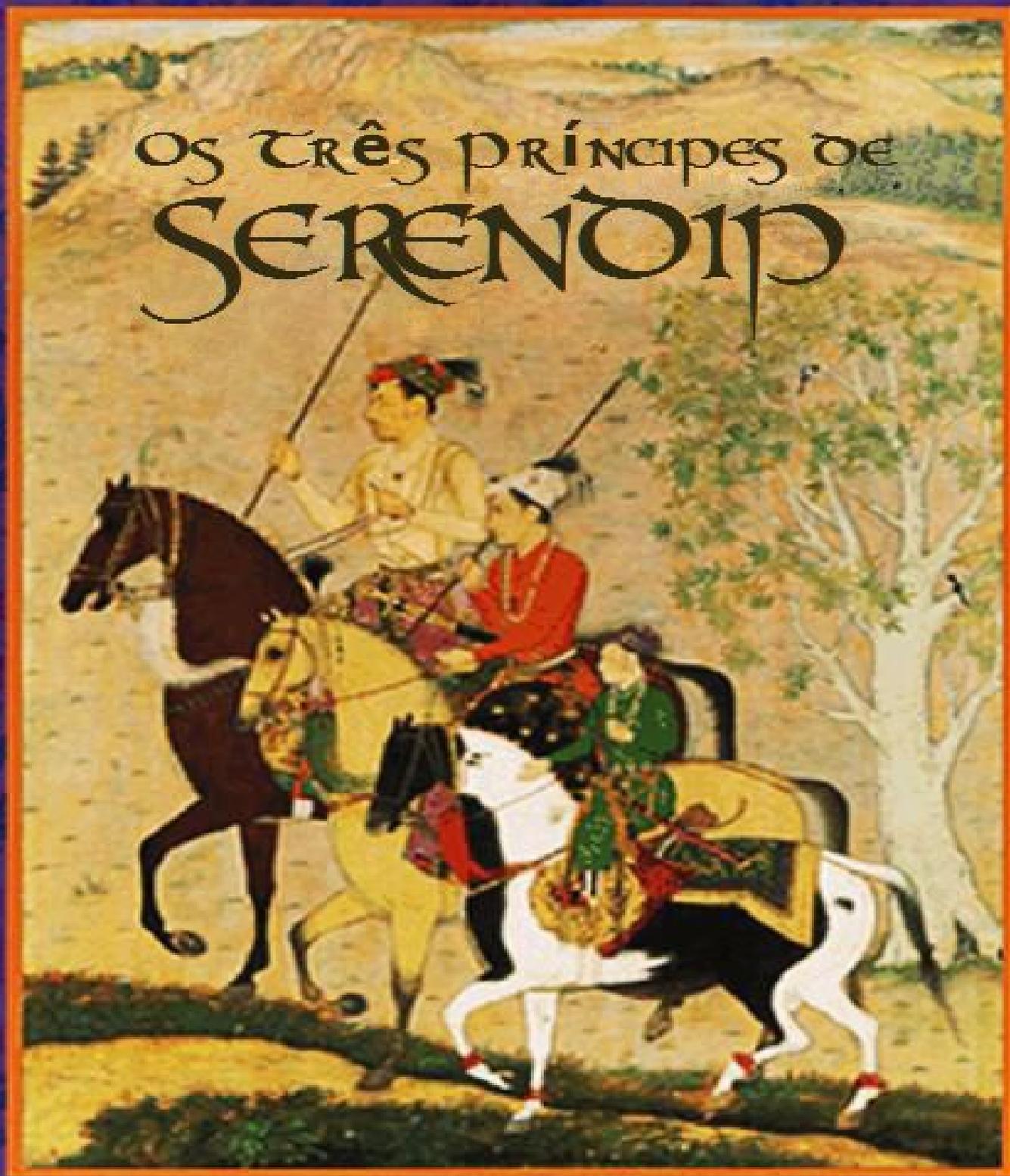


UM CONTO DE FADAS PERSA

OS TRÊS PRÍNCIPES DE  
SERENDÍP



PEREGRINAGGIO  
DI TRE GIOVANI FI-  
GLIOLI DEL RE DI  
SERENDIPPO,

PER OPRA DI M. CHRISTOFORO  
ARMENO *dalla Persiana nell'Italiana  
lingua trasportato.*



E' IL MIO FOGLIO

QVAL PIV FERMO



E' IL MIO PRESAGGIO.

Co'l Privilegio del Sommo Pontefice, et dell'illustriss.  
Senato Veneto per anni X.

# OS TRÊS PRÍNCIPES DE SERENDIP

UM CONTO DE FADAS PERSA



Da versão inglesa de  
Peregrinaggio di tre  
giovani figliuoli  
del re di Serendippo,  
de 1557

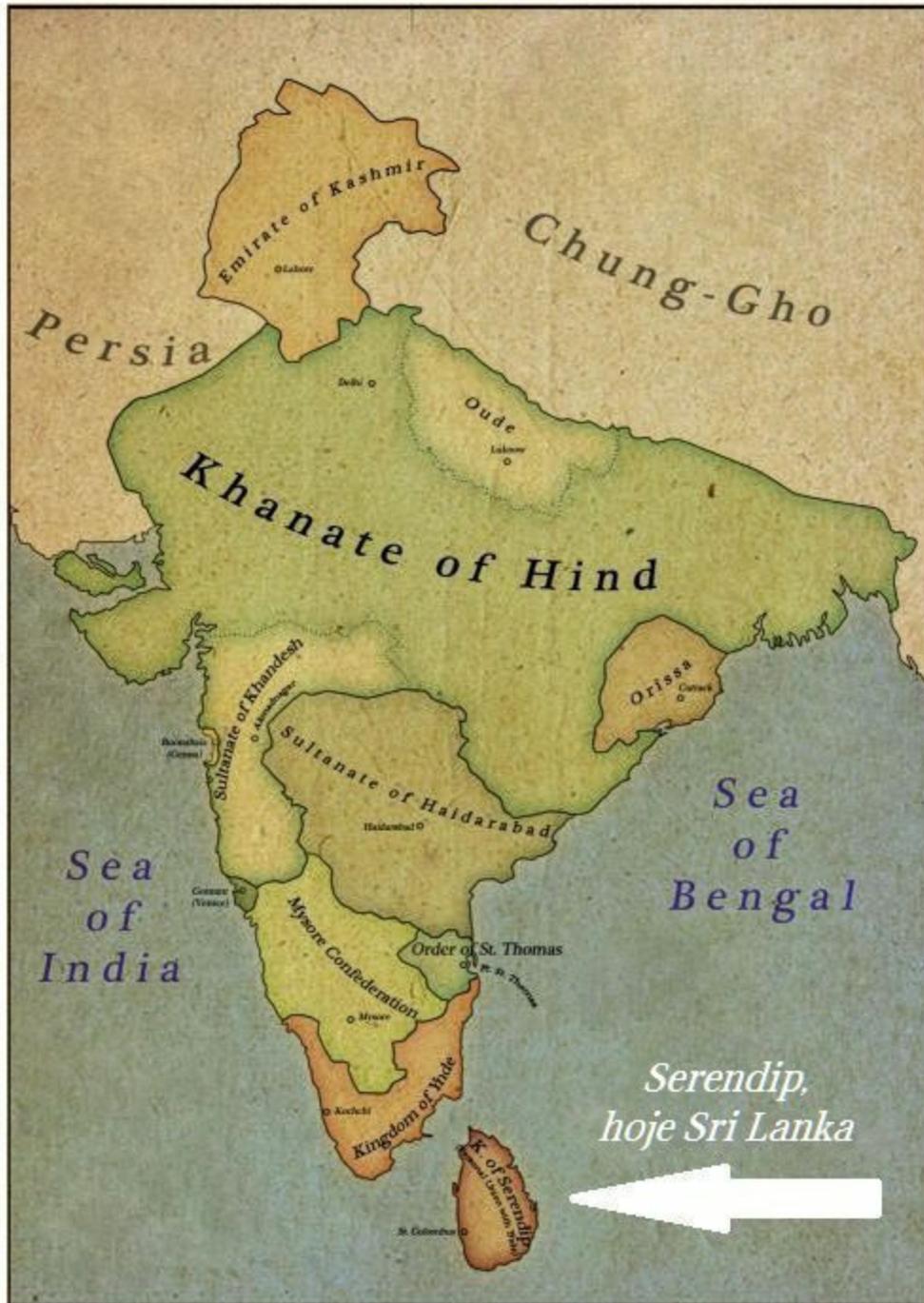
# Sinopse

*Os Três Príncipes de Serendip* é a versão inglesa de *Peregrinaggio di tre giovani figlioli del re di Serendippo*, publicado por Michele Tramezzino em Veneza em 1557. Tramezzino afirmou ter ouvido a história de um tal Christophero Armeno, que traduziu conto de fadas persa na adaptação para o italiano do Livro Um de *Hasht-Bihisht*, de Amir Khusrau, de 1302. A história chegou ao inglês através de uma tradução francesa, e agora existe em várias traduções. Serendip é o nome persa e urdu para Sri Lanka, adotado a partir do sânscrito Suvarnadweepa (ilha dourada) ou originalmente do tâmil "Seren deevu". Tem traços da etimologia de Simhaladvipa, que se traduz literalmente como "morada-da-raça-cingalesa".

A trama ficou conhecida por ter originado a palavra serendipity (serendipidade), cunhada por Horace Walpole (autor de *O Castelo de Otranto*, 1764) ao lembrar da parte do "conto de fadas bobo" em que os três príncipes por "acidente e sagacidade" deduzem tudo sobre um camelo perdido que nunca viram a partir de pequenas pistas.

A história inspirou o *Zadig* (1747) de Voltaire, contribuindo tanto para a evolução da ficção policial como para a compreensão do método científico.

# Índia em 1900



*“O acaso só favorece a mente preparada”*

LOUIS PASTEUR

## OS TRÊS PRÍNCIPES DE SERENDIP

Há muito tempo atrás, no país de Serendip, havia um rei grande e poderoso de nome Giaffer. O rei tinha três filhos e a eles dedicava todo o seu amor. Por ser um bom pai, ele se preocupava muito com a educação, decidindo que deveria deixar a eles não apenas um grande poder, mas também virtudes imprescindíveis aos príncipes. Assim, o rei Giaffer procura os melhores tutores possíveis para seus filhos, aos quais confia a formação, recomendando que deveriam ser ensinados de maneira que pudessem ser reconhecidos por sua boa reputação. Desse modo, quando os mestres consideraram que os príncipes estavam suficientemente educados, tanto nas artes quanto nas ciências, relataram ao rei. Porém, o rei ainda tinha dúvidas acerca da formação e reúne-os, declarando a eles, numa simulação, que iria se retirar do reinado para seguir uma vida contemplativa deixando a eles o encargo. Cada um deles, polidamente, declinou do convite, afirmando, de uma forma ou de outra, que somente o pai tinha sabedoria superior e aptidão para governar. O rei fica satisfeito momentaneamente, mas em seu íntimo ainda pairava a dúvida se não teriam recebido apenas uma educação privilegiada, sob sua proteção. Resolve então fingir ficar com raiva deles pela recusa ao trono e envia-os em viagem, para distante de suas terras.

Aconteceu que, mal haviam chegado ao exterior, resolvem descobrir pistas para identificar com precisão um camelo que jamais haviam visto. Concluem, então, que o camelo é coxo, cego de um olho, sem um dos dentes, transportando uma mulher grávida, e carregando mel de um lado e manteiga do outro. Quando, depois, encontraram um comerciante que procurava um , relataram as suas observações. O comerciante, pasmado, acusa-os de terem roubado o camelo e leva os três príncipes diante do Imperador Bahram, exigindo punição. Os três príncipes negam qualquer crime, ao que Bahram indaga como poderiam ter sido capazes de descrever com tanta precisão um camelo, sem nunca o terem visto.

Mas, a partir das respostas, baseadas em evidências somadas em pequenas pistas, dadas pelos três príncipes, percebe a inteligência dos herdeiros de Serendip na identificação do camelo.

Os príncipes disseram que, como a grama havia sido comida pelo lado da estrada onde estava menos verde, haviam deduzido que o camelo era cego do outro lado. Também falaram que, como havia pedaços de grama semimastigados na estrada, do tamanho de um dente de camelo, eles haviam deduzido que haviam caído através do espaço deixado por um dente perdido na boca do camelo. Ainda, que como as faixas de marcas na estrada deixavam as impressões em apenas três metros, o quarto estava sendo arrastado, pelo que indicava o animal ser coxo. A questão da carga, para os três príncipes, tinha sido muito simples, posto que havia formigas indicando que tinham sido atraídas pelo mel, de um lado da estrada, e o outro lado apresentava manteiga derretida derramada.

Quanto ao transporte da mulher, um dos príncipes disse: "Imaginei que o camelo transportava uma mulher porque havia notado, próximo à trilha onde o animal deixara marcas de que tinha se ajoelhado, o rastro visível de pés claramente femininos, onde encontrei resquícios de urina humana que, por seu próprio odor, denotavam terem sido deixados por uma mulher que mantivera relações sexuais há algum tempo.

Um outro príncipe esclareceu que concluíram pela gravidez da mulher porque perto das marcas de pés havia impressões de mãos femininas, indicando que ela se apoiara para urinar o que configurava o peso da gravidez.

No momento em que terminavam o relato ao Imperador, entrou na corte um viajante que informou

ter encontrado o camelo vagando pelo deserto e que o havia reconduzido ao dono, bem como sua carga e transporte.

O Imperador Bahram, além de, evidentemente, poupar as vidas do três príncipes, encheu-os de ricas recompensas e os elegeu conselheiros do Império.

FIM

# Posfácio

JOSEPH SHAFAN

Esse conto é baseado na vida do Imperador Persa Bahram V, que governou o Império Sassânida (420-440), relatada em poesia épica com mescla natural de fatos históricos e lendas folclóricas da região, contada através de centenas de anos na tradição oral de muitas culturas (inclusive uma versão no *Talmud, Sanhedrin*). Apareceu publicada inicialmente, que se tenha conhecimento, nos escritos de Firdausi Shahnamed em 1010, em seguida nos escritos de Nizami Haft Paikar, de 1197, e em adaptação presente nos escritos de Khusrau, *Hasht Bihisht*, de 1302. Essa publicação de Bihisht aparece citada nos escritos do poeta persa Amir Khusrau (Ab'ul Hasan Yamīn al-Dīn Khusrau, 1253-1325), numa versão em Ghazal (forma poética persa).

No Ocidente, a primeira publicação de que se tem notícia é "*Peregrinaggio di tre figlioli del re di Serendippo*", feita por Michele Tramezzino, em Veneza, 1557, que informou ter registrado a história a partir do relato de Christophero Armeno, que havia traduzido do persa para o italiano o "Livro Um de Amir Khusrau". Surgirá, depois, em língua francesa, no livro de De Mailly, datado de 1719 e impresso em Amsterdam em 1721. Daí, teve grande repercussão numa famosa carta de Horace Walpole (IV conde de Orford, 1717-1797, muito conhecido por ter escrito a célebre novela *O castelo de Otranto*) a seu amigo Mann, datada de 28 de janeiro de 1754, publicada nas conhecidas (em língua inglesa) e republicadas diversas vezes *Letters of Horace Walpole* (diversas edições e impressões desde 1757 — Strawberry Hill).

A influência na língua inglesa dessa publicação de Walpole foi tão grande que gerou a palavra Serendipity, *a propensity for making fortunate discoveries while looking for something unrelated* — em português, a propensão a fazer descobertas afortunadas enquanto procura algo não relacionado, ou uma feliz descoberta casual. Essa palavra inglesa é considerada "uma das dez palavras de mais difícil tradução para outras línguas" (cf. "Words hardest to translate", Global Oneness — British translation company) e, no entanto palavra importada para outras línguas devido ao uso em sociologia.

Na língua portuguesa, é ainda um neologismo, sendo grafada como *serendipidade*, *serendipismo*, *serendiptismo* ou, ainda, como cópia da grafia espanhola, *serendipitia*.

Além desse emaranhado histórico, folclórico, poético, sociológico (multicultural mesmo), há que se destacar que Serendip, ou Serendib, é como os antigos árabes denominavam o Sri Lanka (ex-Ceilão).

Desse modo, como *alface e alfaiate*, por exemplo, são palavras portuguesas importadas do árabe.

pdf

**Recanto das Letras**

<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/2461955>

